

AS REPRESENTAÇÕES DO TRABALHO DO PROFESSOR DE LÍNGUA PORTUGUESA EM DISCURSOS DE GRADUANDOS DE LETRAS

Karine Correia dos Santos de Oliveira¹

karineletras@yahoo.com.br

RESUMO

A partir de princípios orientados por uma perspectiva sociointeracionista do discurso e por meio de uma metodologia qualitativa (DENZIN; LINCOLN, 2006) este artigo objetiva flagrar pistas das representações sociais de professores de língua materna em formação acerca da sua atuação como monitores no projeto *Oficinas de leitura e produção de textos* do curso de Letras da PUC Minas. Para isso, o artigo também apresenta uma análise de um trecho de um relatório de uma das oficinas do referido projeto.

PARA COMEÇAR

O projeto *Oficinas de leitura e produção de textos* do curso de Letras da PUC Minas parte do princípio de que a leitura/escuta e a produção/fala de gêneros de textos próprios do universo acadêmico são ações essenciais na vida de qualquer graduando. Por isso, o projeto, que é uma iniciativa de vários professores de lingüística e língua portuguesa dos primeiros períodos do curso de Letras, busca levar o estudante ingressante neste curso a construir habilidades e saberes fundamentados em conhecimentos teóricos e práticos, sobre os objetivos e o modo de funcionamento dos gêneros estudados.

As oficinas são ministradas por alunos do curso de Letras com real empenho em sua formação que iniciam como estagiários e, posteriormente, como monitores para treinamento e aprendizagem das práticas de ensino. Há também os alunos do Programa de Pós-graduação que atuam como monitores para realizar o seu estágio docente e ex-alunos do curso de Letras que participam para continuarem investindo em sua formação continuada. Fazem parte do projeto de oficinas as oficinas de língua inglesa, de leitura e produção de textos (módulo I e II), de conhecimentos gramaticais e de produção de projetos de pesquisa.

As oficinas são compostas por dez encontros semanais planejados por meio de uma proposta global elaborada antes do início das oficinas. Cada oficina é estruturada por planejamentos semanais que envolvem a

seleção do material a ser estudado em sala de aula e a determinação de objetivos de cada oficina em uma ficha específica para essa preparação. Todo o material é enviado às professoras formadoras, via *e-mail* do grupo, para possíveis ajustes e para verificar o alcance ou não dos objetivos. O trabalho também envolve a participação dos monitores e estagiários em reuniões de estudo e discussão presenciais com as professoras e com os colegas do grupo, o envio da avaliação de cada oficina e a correção/orientação das produções textuais dos alunos da oficina.

Dessa maneira, o projeto *Oficinas de leitura e produção de textos* é aqui considerado como uma atividade com distintas ações que possibilitam à simbolização de aspectos essenciais a formação de um professor de língua materna para graduandos em Letras que atuam como estagiários e monitores nas oficinas. O projeto envolve o professor de língua materna em formação em uma rede de ações que funcionam de maneira muito semelhante às vivenciadas por um professor em atuação em uma escola. Ao atuar nas oficinas o estudante de Letras é orientado em sua preparação das aulas e nas correções dos exercícios por professoras que demonstram acreditar no projeto, na contribuição do trabalho dos oficinairos para a formação de colegas graduandos e na formação dos professores de língua materna em formação nas oficinas. Essa realidade contribui muito para um maior preparo dos professores em formação que percebem a importância do estabelecimento de objetivos claros para o trabalho em sala de aula e a

¹ Mestranda em Lingüística e Língua Portuguesa na Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Bolsista do CNPq, Orientanda da Prof. Dra. Juliana Alves Assis, Belo Horizonte, MG, Rua Humberto de Campos 860, Bairro Jardim Leblon, CEP: 31540-490, Brasil, Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG, Brasil.

importância do retorno aos alunos sobre as questões que eles colocam tanto em sala quanto em exercícios que são entregues pelos alunos.

O conhecimento sobre o projeto oficinas aqui explicitado além de ser estruturado pelo estudo do referido projeto e pelo estudo das pesquisas de alguns dos professores formadores (cf. ASSIS; MATA, 2005[1]; SILVA; MATA, 2002[9]) também é fundamentada na integração da autora deste artigo a esse projeto desde o terceiro período do curso de Letras e até o presente momento. Essa experiência possibilitou a atuação da autora como pesquisadora de iniciação científica em coleta de dados em reuniões do grupo das oficinas, como estagiária em uma oficina e como monitora em diversas oficinas. Hoje, essa experiência possibilita uma integração entre as atividades desenvolvidas nas oficinas e o tema da pesquisa de mestrado em andamento que é o trabalho do professor de língua materna recém formado.

É a partir desse investimento de estudo e prática no projeto de oficinas já apresentado que este artigo se volta para a análise dos relatórios de oficinas de professores de língua materna em formação na busca por flagrar pistas das Representações Sociais (RS) sobre o trabalho desenvolvido nas oficinas e, conseqüentemente, RS sobre o trabalho do professor de língua materna.

SOBRE AS LEITURAS

A perspectiva sociointeracionista do discurso já mencionada no resumo deste artigo é pautada nos estudos de Bakhtin (2003)[2], que contribui para compreender a importância das conhecimentos socialmente construídos e partilhados e das interações sociais específicas.

Bakhtin (2003)[2] adota a expressão “gêneros do discurso” que, para ele, são tipos mais ou menos estáveis de enunciados, sejam orais, visuais ou escritos, que apresentam certos traços específicos e que se constroem nas interações humanas. Assim como essas interações humanas, os gêneros do discurso apresentam uma diversidade infinita. Tal diversidade não prejudica o estudo das particularidades que diferenciam um gênero dos demais. Para entender essa especificidade que diferencia os gêneros do discurso é necessário fazer algumas considerações sobre a noção de discurso adotada por Bakhtin e Volochinov (1995)[3]. O discurso não é considerado uma entidade de conhecimentos estáticos,

isolados dos outros discursos e proveniente de um indivíduo considerado isoladamente. Nessa perspectiva teórica, todo discurso é essencialmente dialógico por ser influenciado pelas relações que um enunciado mantém com os enunciados anteriores e com os enunciados provenientes possíveis de destinatários desse enunciado.

A linguagem, nesta perspectiva, deve ser estudada a partir de sua unidade, o enunciado, pois são os enunciados seja na forma oral ou escrita um reflexo das condições específicas e das finalidades de cada campo de atividade humana, lingüística. (BAKHTIN, 2003)[2].

Outra noção importante neste artigo, é a de Representações Sociais(RS), as quais limitam as ações humanas considerando aspectos culturais e a Memória discursiva de que faz parte o indivíduo. É essa memória que possibilita o acionamento de determinadas RS e não outras e, ao mesmo tempo, as cristaliza. Tal processo de cristalização ocorre porque as RS controlam realidades atuais ao ativar imagens de realidades anteriores. A integração entre distintas RS obedece a uma certa hierarquia, a qual leva à morte e ao nascimento de determinadas RS. O que também envolve o enfraquecimento e o fortalecimento de distintas RS que são enfraquecidas quando lembradas e fortalecidas quando esquecidas. Além disso, a finalidade de toda RS é familiarizar o desconhecido ou a própria consciência de desconhecimento. Isso ocorre por meio do processo de Anclagem que classifica, compara e nomeia os objetos, pessoas e acontecimentos a partir de critérios que possibilitam tornar uma realidade estranha como familiar. A efetiva familiarização do estranho ou perturbador ocorre com o processo de Objetivação. Quando esse processo termina também emerge uma nova RS simbolizada socialmente por passar a apresentar além de uma idéia uma imagem ou referente relacionado a essa mesma idéia. Assim, a principal característica das RS é simbolizar objetos, pessoas, idéias e grupos sociais como relacionados a conhecimentos já estabelecidos, a padrões de pensamentos e idéias específicas por meio de semelhanças que ancoram a continuidade das certezas, realidades cada vez menos questionadas e, por isso, objetivadas.

Dessa maneira, os sentidos das RS são mais relacionados a convenções e à manutenção de certezas inquestionáveis do que a razão ou a universos reificados

como, por exemplo, o universo da ciência. Nessa dinâmica interna de construção de RS pode-se afirmar grande parte dos conhecimentos humanos são mobilizados e existem em prol da manutenção desses fenômenos orientadores de pensamentos e ações humanas por meio da linguagem. A linguagem, nessa perspectiva, assim como as RS apresenta uma face icônica, significante e uma face simbólica, resultante da relação entre o significante e o significado formando um signo ou símbolo. Moscovici (2003)[2003] afirma que o homem pensa através de uma linguagem – que também se constitui numa forma de representação. (cf. FRANCO, 2004[5]; JODELET, 2001[6]; MOSCOVICI, 2003[8]).

Após a exposição do conceito de RS e dos processos de Ancoragem e Objetivação que materializam o fenômeno parte-se para a exposição da importância do gênero relatório das oficinas para este artigo.

Para Lopes (2006)[7] o gênero relatório é constituído por uma subjetividade cuja orientação opinativa oferece pistas importantes para a detecção das representações sociais do agente locutor. Trata-se de conhecimentos que variam segundo a experiência do sujeito que são estocados na memória e acionados de formas distintas, no momento da ação de linguagem. (LOPES, 2006)[7]. Daí a escolha por analisar as RS em relatórios de oficinas.

ANÁLISE DE UM TRECHO DE UM RELATÓRIO DAS OFICINAS

Para a análise, neste artigo, segue um trecho do relatório de uma oficina de produção de projetos de pesquisa denominado “desenvolvimento”. Essa denominação é sugerida no roteiro enviado pelas professoras formadoras ao final do semestre e, conseqüentemente, o final das oficinas para a elaboração do relatório.

“DESENVOLVIMENTO DAS OFICINAS

As oficinas foram organizadas de maneira que fosse possível a orientação dialogada sobre a elaboração de cada etapa de construção do projeto de pesquisa. O acompanhamento da produção individual relacionada ao projeto de pesquisa individual que cada aluno foi desenvolvendo era feito no momento da produção por nós duas (oficineiras). Esse contato foi fantástico. Com

ele, pudemos conhecer possibilidades de pesquisa em diversas áreas: em Letras, em Comunicação Assistiva, em Turismo, em Pedagogia e Psicologia e, além disso, incentivar o investimento nas pesquisas que nos foram apresentadas. A sala era sempre organizada em círculo e procurávamos manter um contato muito próximo com os alunos.”

A exposição do acompanhamento individual em sala de aula de cada aluno é uma pista do processo de Ancoragem em conhecimentos sobre o que seria uma aula ideal, aquela que, na perspectiva, das professoras de língua materna em formação o professor consegue acompanhar todos os alunos. Considerando que a principal característica do processo de Ancoragem das Representações Sociais é tornar uma realidade estranha como familiar o professor em formação se ancora na imagem de que existem aulas em que não é possível que ocorram interações entre o professor e cada aluno individualmente. Ao estranhar essa imagem da interação entre o professor e os alunos as oficinairas, monitora e estagiária recorrem ao processo de Objetivação de uma imagem em que as oficinairas ou o professor de língua materna devem dar atenção especial a cada aluno em sala de aula. Isso ocorre no trecho: “O acompanhamento da produção individual relacionada ao projeto de pesquisa individual que cada aluno foi desenvolvendo era feito no momento da produção por nós duas (oficineiras).” Nesse trecho fica claro que a sala de aula, na perspectiva das oficinairas, é objetivada em termos de um lugar em que é possível que ocorra interações entre as oficinairas e cada aluno. O processo de Objetivação da Representação Social ocorre por meio da imagem de um professor como aquele que deve se preocupar com cada aluno individualmente. Outra importante imagem da aula fundamenta a Ancoragem de outra Representação Social de professor de língua materna a partir do trecho: “pudemos conhecer possibilidades de pesquisa em diversas áreas: em Letras, em Comunicação Assistiva, em Turismo, em Pedagogia e Psicologia e, além disso, incentivar o investimento nas pesquisas que nos foram apresentadas.” Nesse caso, as oficinairas assumem uma imagem de professoras em formação que consideram a sala de aula como lugar de formação. Elas se ancoram na estranheza da imagem de um

profissional docente que se preocupa essencialmente com a sua área de formação e objetivam a imagem de um professor que também se preocupa com outras áreas. Outro aspecto é a Ancoragem ou a negação da imagem de uma aula em que não ocorrem trocas de conhecimentos e saberes entre professor e alunos para objetivar a Representação Social de uma aula em que tanto oficinas, professores em formação quanto alunos constroem conhecimentos.

No trecho “A sala era sempre organizada em círculo e procurávamos manter um contato muito próximo com os alunos.” a Representação Social de uma aula em que haja mais proximidade entre professor e alunos é novamente acionada. Nesse caso, para instaurar o processo de Objetivação, as oficinas se ancoram em uma imagem de que as aulas tradicionais em que o professor fica a frente da sala e dos alunos enfileirados e de costas ou ao lado um do outro promovem o distanciamento entre o professor e alunos. Ao se ancorarem nessa imagem objetivam a de que uma aula em círculo promove mais proximidade entre professor e alunos.

A enunciação aqui analisada demonstra que, na perspectiva das oficinas, professoras de língua materna em formação um professor deve manter proximidade dos alunos tanto na busca pela interação com cada um quanto na organização espacial da sala de aula.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- [1] Assis, Juliana A. e Mata, M. Aparecida. A escrita de resumos na formação inicial do professor de língua portuguesa: movimentos de aprendizagem no espaço da sala de aula. In: KLEIMAN, A. e MATENCIO, M. Lourdes M. *Letramento e formação do professor*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2005.
- [2] Bakhtin, Mikhail. *Estética da criação verbal*. Tradução Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- [3] Bakhtin, M. M; Volochinov, V. N. *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. 7. ed. São Paulo: Hucitec, 1995. 196p.
- [4] Denzin, Norman K.; Lincoln, Yvonna S. *O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens*. Porto Alegre: Artmed, 2006. 432 p.
- [5] Franco, Maria Laura Puglisi Barbosa. *Representações sociais, ideologia e desenvolvimento da consciência*. São Paulo: PUC-SP, Cadernos de Pesquisa, v. 34, n. 121, jan./abr. 2004.
- [6] Jodelet, Denise. *Representações sociais: um domínio em expansão*. In: JODELET, D. (Org.). *As representações sociais*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001. p. 31- 61.
- [7] Lopes, Maria Angela Paulino Teixeira. Relatórios de estágio: opacidade e vaguidão na análise do agir do professor. Comunicação apresentada na mesa-redonda “A proposta do ISD para a análise do agir representado em diferentes textos”, no *Encontro Internacional do Interacionismo sociodiscursivo*, realizado na PUCSP (São Paulo), 5-9/06/2006, digitado.
- [8] Moscovici, Serge. *Representações sociais: investigações em psicologia social*. Petrópolis: Vozes, 2003.
- [9] Silva, J. Q. G. & Mata, M. A. *Proposta tipológica de resumos: um estudo exploratório das práticas de ensino da leitura e da produção de textos acadêmicos*. SCRIPTA (Linguística e Filologia). BH: v. 6, n.11, 2º sem. 2002.